

**CONCORDÂNCIA NOMINAL:
UMA ABORDAGEM EM TORNO DO SENTIDO**

José Randson Silva Santos (UFAC)
prof.randson@gmail.com)

Marta Maria Wanderley da Silva (UFAC)
Alexandre Melo Sousa (UFAC)

RESUMO

O presente artigo tem por objeto de estudo o uso da concordância nominal e seu tratamento na gramática normativa tradicional e no livro didático. Além disso, apresenta uma proposta de atividade pautada no sentido do texto, considerando também os fenômenos da fala. Tal proposta poderá ser aplicada em sala a partir do segundo ciclo do ensino fundamental. A seguinte proposta de atividade é pautada na sequência didática orientada por Schnewuly e Dolz e tem por objetivo, desenvolver o aprendizado a partir da análise de enunciados na busca de compreender o sentido do texto conforme a postura ou distribuição dos temas de concordância. A análise de algumas gramáticas e consultas ao ambiente virtual pautará o desenrolar deste trabalho, que buscando refletir a importância de não mecanizar as atividades em que se trabalharão a concordância nominal em sala de aula, trata de dar ênfase às propostas ou visão educativa inovadora que alguns profissionais da educação brasileira têm sugerido como é caso de Irandé Antunes. A partir dessa rota, o trabalho pautar-se-á principalmente seguindo as orientações de Antunes, Brandão e Perini. Tais reflexões e situações didáticas contribuem para um trabalho voltado à formação do aluno letrado e consciente da importância da leitura e da escrita em sua vida e, como essa ferramenta pode contribuir significativamente em seu meio social.

Palavras-chave: Gramática. Concordância nominal. Sentido. Análise.

1. Introdução

Quando se pensa no estudo de língua, a gramática normativa acaba tomando lugar de destaque. Geralmente a consideramos fonte da boa orientação para o uso da fala e da escrita. Diante dessa postura, não nos damos conta de que ela é uma fonte científica e não régia mãe da língua. Não podemos esperar que somente com o estudo da gramática normativa é que realmente seremos capazes de ler, escrever ou nos expressar melhor. A língua não se reduz a ela e nem é esse o objetivo da norma padrão. Mário Alberto Perini nos esclarece que os estudos de gramática oferecem uma visão da estrutura e do funcionamento da língua, esse maravilhoso mecanismo que, ao permitir a comunicação, possibilita a própria existência da complexa sociedade moderna (2010, p. 18).

Pensando no que diz Perini, a postura do educador deverá estar

sempre voltada à realidade de que seu trabalho não se configura em passar regras de manuais, mas de favorecer ao educando a praticar a pesquisa, refletir sobre a estrutura da língua, observar os fenômenos da fala, tomar conhecimento dos sentidos do texto e reconhecer a importância dos esforços de pesquisa na sociedade contemporânea.

A variedade do português brasileiro é um assunto que merece destaque dentro do ensino da língua. A política do combate à fala por meio da aplicação acirrada da gramática dentro da escola acaba gerando conflitos e nutrindo o preconceito linguístico na sociedade. Esse é outro aspecto que o corpo escolar tem que combater e procurar metodologias que saibam respeitar as diferenças e considerá-las como riqueza cultural.

A ideia deste trabalho partiu de alguns questionamentos levantados na disciplina gramática variação e ensino no mestrado profissional em letras, que buscando refletir sobre os procedimentos didáticos que pudessem ter maior significado dentro do ensino, se direcionavam ao foco do *sentido* do texto, fazendo com que o estudante perceba as possibilidades de significados dos termos em determinados enunciados, no caso aqui, no que se refere à concordância nominal. Essa procedência tem maior significado dentro do ensino porque busca se desvencilhar das atividades repetitivas que geralmente as gramáticas normativas costumam apresentar ao tratar o assunto. Além disso, é um desafio para o professor que almeja um resultado satisfatório nos trabalhos com leitura e produção de texto, porque irá traçar metas e planejar atividades sob uma ótica que geralmente não ocorre em gramáticas normativas ou livros didáticos.

2. A riqueza da variedade linguística no ensino e o enfoque do sentido

Considerando que no Brasil, a língua portuguesa apresenta uma variedade linguística extensa e diversificada devido às influências culturais, religiosas, e históricas, é louvável que não se perca de vista a importância de tal variação no ensino escolar. De forma alguma, o aprendizado deve privar o aluno da valiosa variedade da fala, ou de outro modo, priorizar uma determinada variante e marcá-la como soberana, já que o aluno vive inserido em uma realidade onde a língua lhe oferece inúmeras maneiras de expressar seus pensamentos, de comunicar e de interagir com o outro.

Nesse sentido, a escola há de explorar o mundo que envolve o estudante e trabalhar as peculiaridades de cada variedade e sua função social. Diferentemente do que pensam alguns falantes, a língua portuguesa não se reduz às normas gramaticais, embora elas desempenhem importantes funções na vida dos cidadãos na busca de uma formação acadêmica e profissional, ou mesmo, no preparo para o enfrentamento das eventuais demandas e competições do mercado de trabalho. A fala, com suas expressões, ritmos e efeitos de sentido também cumpre um papel preponderante na vida do indivíduo.

Pensando nessa realidade, quando é preciso se referir ao uso da concordância nominal, é necessário ter o cuidado de não ferir o que é informal e de não estigmatizar a fala popular como erro a ser corrigido, eliminado ou substituído pela norma politicamente aceita, mas de mostrar ao aluno que dentre as variantes, a norma padrão, no uso de suas conversões, desempenha um papel comunicativo satisfatório e que busca emitir regras na intensão de ser compreendida pelos diversos falantes, mas não como uma maneira de eliminar as outras manifestações da língua.

A cultura brasileira é carregada de manifestações populares significativas e valiosas e, tem gerado uma infinidade de expressões artísticas e de falares que dão conta da riqueza linguística do povo, que em boa parte, não tem domínio das conversões ortográficas firmadas pelas academias ou autoridades de estado. Isso pode se revelar na música sertaneja, por exemplo, que ao expressar uma letra com termos da fala popular, pode muito bem apresentar cancelamento de marcas de plural nos constituintes, mas que não deixam de ter sentido e valor para o povo, muito menos para a língua.

Nesse aspecto, o ensino se encontra na responsabilidade de explorar os mais diversos fenômenos da língua e não apenas de estudar as normas estabelecidas. Silvia Figueiredo Brandão, com base ao célebre axioma de Labov (1976, p. 289-90) afirma que aquele que ensina língua portuguesa se vê diante de um paradoxo e tal paradoxo, consiste no fato de o professor deveria:

- Saber que qualquer indivíduo tem internalizada uma gramática e dela faz uso;
- Ser um observador privilegiado dos fenômenos linguísticos e, em consequência, estar sensível às variações e mudanças que se vão operando na língua;
- Ter que privilegiar a norma considerada pelo grupo social a mais adequada;

- Reconhecer, por outro lado, as estruturas que já não se mostram frequentes até na chamada modalidade culta;
- Descrever o funcionamento da língua de forma técnica (2013, p. 77-78).

Além de tais paradoxos, Brandão apresenta ainda três requisitos da parte do professor para que o processo de ensino-aprendizagem chegue ao bom termo: *boa formação, bom senso e boa didática*. (2013, p. 79).

As práticas escolares, se movidas apenas por cobranças em torno da gramática normativa em suas concisões, rompem de certas maneiras, com os discursos da fala e busca implantar uma ordem que pode tornar o ensino da língua como uma imposição ou fardo fatigante ao aluno. Irandé Antunes ao discutir a visão reducionista da língua sob o foco gramatical destaca que a compreensão do fenômeno linguístico partiu para o interesse dos *efeitos de sentido* que os interlocutores pretendem conseguir com as palavras em suas atividades de interlocução. Essa realidade traz para os estudos mais relevantes, o *discurso* e o *texto*, os quais são desdobrados nas suas relações com os sujeitos atuantes (2009, p. 20).

A língua por ser dinâmica, articulada, inovadora e criativa, desempenha efeitos de sentido em seus enunciados. Isso pode ser presente tanto na norma culta quanto na ordem coloquial. Considerando esse fenômeno, cabe à escola, como lugar privilegiado, observar os efeitos da língua e mostrar ao falante, as diversas formas de leitura e, não aplicar uma ordem pronta e fechada, esperando que o educando assimile e cumpra as regras ortográficas pelo resto de sua vida.

O ensino que traz a reflexão em torno do sentido gera um aprendizado significativo e faz com que o falante se dê conta de que no texto há presença de efeitos diversos. Antunes alerta sobre essa dimensão dizendo que “os sentidos do texto [...] resultam de uma confluência de elementos que estão, simultaneamente, dentro e fora dele”. (2009, p. 202). Nesse aspecto, os conhecimentos linguísticos, textuais e de mundo, revelam as dimensões que o ensino há de abordar para que seja realmente aplicada uma educação linguística de qualidade.

Tratando especificamente de concordância nominal Bandão (2013, p. 81-82) indica alguns procedimentos que beneficiariam o bom ensino:

- Chamar a atenção do aluno para o fato de haver, em português, pelo menos dois padrões básicos e opostos de aplicação de número plural no âmbito do sintagma nominal;

- Enfatizar que os padrões são funcionais e igualmente válidos;
- Delimitar as situações de uso de cada padrão;
- Focalizar o tema em consonância com o estudo do mecanismo de flexão ou utilizando exemplificações que ajudem a fixar as forma de plural;
- Levar os alunos a selecionar sintagmas nominais de textos orais/escritos de modo que identifique os mecanismos predominantes nas diferentes variedades e modalidades da língua;
- Desenvolver no aluno o gosto e a prática da leitura.

Tais procedimentos revelam que o trabalho com o tema concordância nominal não se reduz à mera aplicação de regra e atividades de assimilação, mas convida o aluno a observar as marcas linguísticas e buscar o significado para então compreender o texto e também para produzi-lo.

3. *O tratamento da concordância nominal na gramática normativa tradicional e livro didático*

Geralmente a gramática normativa costuma apresentar os seguintes aspectos: inicia o conteúdo apresentando o conceito; faz o detalhamento dos casos e regras conforme suas especificidades; cita exemplos, geralmente, com o uso de enunciados curtos e de ordem clássica; apresenta exercícios com frases descontextualizadas ou não embasadas em textos médios ou longos; incentiva a prática da repetição por meio de resoluções de outros casos conforme o que se pede anteriormente; não cita outras fontes para melhor compreensão do tema; apresenta os resultados dos exercícios no final das seções; costuma apresentar boxes com explicações sobre incoerências gramaticais da fala por meio de personagens em quadrinho e uso de balões e, mais recentemente, oferece avaliações que foram aplicadas em vestibulares de universidades conceituadas e no Exame Nacional do Ensino Médio. Embora ocorra essa última tendência, ainda não há um trabalho em torno de um comentário ou análise linguística das questões apresentadas. Funcionam apenas como simulados.

Luís Antônio Sacconi não foge às regras acima mencionadas. Sendo um gramático que defende com veemência o retorno do ensino da norma culta na escola, fato observável nas apresentações em algumas de suas obras, acaba tratando os temas de forma concisa e isolada. Ao tratar a concordância nominal, parte diretamente do conceito e sem oferecer um melhor diálogo com seu interlocutor, distribui os casos principais

partindo de enunciados repetitivos e fatigantes que pouco contribui para a compreensão do caso. Como ocorre com os exemplos: comprei abacate e maçã estragados / comprei abacate e maçã estragada. (2008, p. 404). Além disso, os exemplos valem por si só, pois não há outro recurso para explicar a relação ou ordem dos termos na construção do significado e sentido. O interlocutor ver-se diante de um caso reducionista e que não lhe satisfaz ao deparar com enunciados mais longos e que merecem atenção redobrada.

Casos como o de Sacconi, ao invés de contribuir com a orientação pedagógica, com a análise e considerações sobre os fenômenos da fala, parte sem procedimento didático, para uma ação direta e desconexa com a realidade do falante. Perini com a ideia de trabalhar a gramática, considerando o português falado no Brasil, mostra-se inovador ao tratar os fenômenos da fala do brasileiro. Embora o autor use frases concisas para exemplificar os casos, também cita exemplos da linguagem coloquial, que de maneira salutar, tem sentido e se firma na gramática interna da língua (2010).

Ao tratar a concordância nominal, as gramáticas normativas parecem seguir o mesmo procedimento. Tratam os casos principais a partir de exemplos simples, concisos e desconexos de textos mais significativos. Quando o aluno ao ler textos mais longos carregados de significados, pode deparar-se com a dificuldade em entender ou aplicar a concordância dos termos. Em textos mais extensos há várias ocorrências em que os constituintes costumam ficar distante do núcleo, e se não houver um olhar atento a essa ocorrência, dificilmente o texto será compreendido de imediato pelo estudante.

A realidade em sala revela a dificuldade dos alunos em lidar com enunciados mais longos por conta da dificuldade de não saberem relacionar os termos de concordância. Nas produções textuais é comum a frequência de frases curtas e, por vezes, desconexas das demais, ocasionando a má formulação ou construção do sentido do texto por inteiro.

Trabalhar a concordância nominal seguindo a metodologia da gramática normativa tradicional pode até propiciar a garantia de uma aula prática e fácil, com resultados satisfatórios nas avaliações, isso porque os alunos estarão firmados no conteúdo, que explicitamente apresentado, pode ser memorizado. Esse tipo de esforço, metodologia ou sucesso, pode mascarar a dificuldade que o aluno carrega ao procurar entender ou construir um texto. Não se pode conceber que um aluno que contenha no-

tas excelentes em língua portuguesa tenha tantas dificuldades em compreender ou produzir de um texto, já que estudou bastante.

A gramática não esgota nem o estudo da língua, nem o da comunicação humana; mas é um ingrediente fundamental dela. Assim como nenhuma sociedade humana prescinde de comunicação, nenhuma existe sem uma língua, e todas as línguas tem gramática. (PERINI, 2010, p. 19).

Considerar o ensino da língua como sinônimo de ensino da gramática normativa tradicional é desconsiderar a própria língua, que é dinâmica e está em constante mudança. O que falta aos educadores é a postura de tratar a gramática normativa como material científico e suporte indispensável no ensino da língua tanto na perspectiva da fala quanto da escrita. Além disso, o uso da gramática como sequência didática pode efetuar um falso aprendizado, mascarando questões diversas que a língua possibilita ao falante.

O tratamento da concordância nominal nos livros didáticos não se distancia das gramáticas normativas tradicionais. Isso foi o que se observou nas coleções: *Singular & Plural*, *Projeto Teláris*, *Projeto Aribá* e volume único *Novas Palavras*. Livros com enfoque ao ensino de sexta ao nono ano.

A concordância nominal é sempre apresentada inicialmente com o uso de regras normativas seguidas de atividades para assimilação do conteúdo. Nenhuma das obras tratou de introduzir o tema discutindo o sentido do texto e levantando questões que fizessem com que o educando observasse os termos responsáveis pela concordância. Simplesmente, sobrepõe a regra em alertar com qual termo deve concordar se é com o mais próximo ou com o conjunto, assim por diante. A maioria das atividades explora apenas o exercício de citar o termo correto para a concordância o qual aparece entre parênteses no final da questão. Esse mecanismo não acrescenta rendimento na compreensão do tema ao partir para outras modalidades de leitura e produção textual.

Outro fato observado dentro dos livros didáticos foi o tratamento da concordância nominal de forma isolada. As atividades ao longo dos livros não buscam explorar a concordância, assunto que merece respaldo a todo instante, já que boa parte dos exercícios exigem respostas dissertativas e descritivas. Nas coleções analisadas, a concordância nominal não é trabalhada de forma sequencial nos livros de cada série. O que de certa maneira, mostra que o tratamento concedido a ela, não passa de um conteúdo à parte e que deverá ser explorado em etapas mais tardias. O tema da concordância nominal é normalmente apresentado sempre na parte fi-

nal dos livros didáticos, o que contribui com a ideia de que deva ser tratado no final do ano letivo, caso o professor adote a dinâmica do livro como ordem das sequências didática.

Além da gramática normativa impressa e do livro didático, outras fontes de referência que têm ganhado destaque nas pesquisas sobre linguagem, são as obras digitais ou sites especializados em conteúdos linguísticos. Mas embora seja uma ferramenta inovadora e facilitadora, tratando-se de concordância nominal, o referido ambiente, também não se diferencia das gramáticas tradicionais, pois costumam seguir as mesmas metodologias e considerar os mesmos casos, sem é claro, apresentar enfoque no sentido do texto.

4. Proposta de atividade

As atividades de leitura e produção de texto requerem meios didáticos adequados e sequenciais que possibilitem tanto para o educador quanto para o educando, formas favoráveis para alcance dos objetivos propostos.

Nesse sentido, Marcuschi vê a importância da metodologia e dos procedimentos da sequência didática de Schnewuly e Dolz como fundamentais. Para os citados autores, a sequência é como “*um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito*”. Tal sequência tem a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto levando-o a escrever ou falar de forma mais adequada numa situação de comunicação. Ela tem as seguintes etapas: apresentação da situação, produção inicial, módulo 01, módulo 02, módulo 03 e produção final. Nisto, as etapas podem depender do grau de dificuldades e serem ajustadas conforme o desenvolvimento da turma (*apud* MARCUSCHI, 2008, p. 213-214).

Aqui, a proposta de trabalho não se firmará em uma sequência didática pautada em um determinado gênero seguindo a metodologia dos de Schnewuly e Dolz, mas no convite à exploração dos sentidos do texto conforme o uso e determinação da concordância.

O tema da concordância nominal, costumeiramente, é trabalhado por meio de exemplos concisos e desvincilhado uns dos outros. Como os alunos terão que lher dá com textos mais longos e significativos, é mais proveitoso iniciá-lo explorando um gênero que no qual contenha marcas de concordância e que também apresente conteúdo satisfatório ou signi-

ficativo. Nesse caso, não estaremos ensinando o aluno a falar, pois isso, ele já sabe, só estaremos explorando as várias possibilidades da língua por meio do texto.

Com enfoque em um parágrafo, de um texto mais denso, que no caso aqui, foi modificado e inventado e, posteriormente, duplicado na intenção de compará-los para identificar o sentido dos mesmos, o aluno é convidado a refletir já no primeiro texto, sobre o equívoco que ocorre no uso da palavra só no último período e a dá explicações sobre os dois significados que o constituinte oferece. Além disso, é questionado sobre a quem se refere e porque está no singular.

Em uma primeira leitura, certamente o educando não se dará conta do equívoco, isso é natural, mas com a intervenção do educador, ele perceberá que o constituinte apresenta realmente duas possibilidades de leitura: a de cantar *sozinho* e a de cantar *somente*. O professor deverá questionar ou chamar à atenção do aluno sobre o distanciamento do constituinte *só* de seu núcleo, fato que não é comum aparecer nas gramáticas tradicionais.

A exploração do sentido do texto pautar-se-á em torno das questões levantadas pelo mestre. O texto 02, embora repita a sequência de informações, com a mudança da palavra *só* para o final do parágrafo, evita o equívoco de significado e até sugere implicitamente que o novo cantor deva compor dupla ou formar grupo depois da Copa.

Quanto à questão de se trabalhar o foco do número, é proveitoso incluir outro(s) personagem ao núcleo e pedir que aos alunos façam a concordância dos termos, reescrevendo todo o enunciado, para poder então perceber a mudança ou desinências dos constituintes tanto de ordem nominal quanto verbal. O aluno se dará conta de que os termos subsequentes mantêm uma relação com o sujeito ou núcleo da oração.

Texto 01

Ângelo Marques, modelo conhecido internacionalmente, decide fazer uma experiência no mundo da música. Filho de cantores, agora busca trilhar o caminho dos pais e provar que também tem talento nos palcos. Devido à reviravolta em sua vida, aos novos fãs, revelou bastante emocionado, que cantaria só até a Copa de 2014.

Texto 02

Ângelo Marques, modelo conhecido internacionalmente, decide fazer uma experiência no mundo da música. Filho de cantores, agora busca trilhar o caminho dos pais e provar que também tem talento nos palcos. Devido à revi-

ravolta em sua vida, aos novos fãs, revelou bastante emocionado, que cantaria até a Copa de 2014 só.

Os textos 03, 04 e 05 também inventados com o propósito de discutir as concordâncias, apresentam situações diferentes para que o aluno possa relacionar os constituintes: *inconformado e inconformados*. Primeiramente, questiona-se a respeito do que se trata cada texto, depois questionando quais os traços que os difere. Relacionando os três textos, é necessário levantar o questionamento sobre o uso do (s) adjetivo (s). Se eles se referem ao mesmo grupo de médicos ou se há três corpos envolvidos. Além disso, é preciso ainda, realizar os questionamentos sobre o uso do numeral que também devem ser apresentados.

Outra possibilidade para se trabalhar o sentido do texto é procurar substituir o constituinte para que o aluno perceba a mudança radical do sentido. No texto 03, por exemplo, pode ser notado tal efeito, se substituir o adjetivo *inconformado* pelo termo satisfeito. O termo ‘inconformado’ se remete a quê? E a palavra ‘satisfeito’ dentro do enunciado dá ideia de quê?

Texto 03

O Sindicato dos Médicos do Acre, que nos últimos anos tem divulgado a realidade das unidades de saúde no interior do estado, inconformado, convida a categoria para participar de uma reunião com a cúpula do governo estadual no dia primeiro de agosto de 2014 para tratar assuntos correlacionados ao plano de carreira.

Texto 04

O Sindicato dos Médicos Inconformados do Acre, que nos últimos anos tem divulgado os trabalhos de seus associados nas Unidades de Pronto Atendimento no estado, convida toda a categoria para participar de uma confraternização que se realizará no dia primeiro de agosto de 2014.

Texto 05

Médicos de Rio Branco, inconformados com a real situação das Unidades Municipais de Saúde e cansados de reivindicarem melhorias ao secretário Marcos Silva, recorrem ao Ministério Público Estadual para exigir que prefeito providencie as reformas necessárias nas instalações dos consultórios e garanta condições dignas de trabalho para os profissionais de apoio das referidas unidades.

A variante da fala é outra dimensão que a língua possibilita ao

educador trabalhar os sentidos do texto. Mesmo não contendo a precisão gramatical da norma culta, o falante fazendo uso de sua gramática interna, tem a capacidade de compreender as coerências e concordâncias do texto transcrito coloquialmente. Tratar o conteúdo popular com um olhar preconceituoso, dificilmente absolverá o que ele tem de melhor. Ao trabalhar ícones da cultura popular brasileira, com Patativa do Assaré, o professor tem a possibilidade de adentrar em um campo rico de sentido e de valor dentro da cultura brasileira.

Que sentido tem a expressão poética: *Sou fio das mata, cantô da mão grossa*? Somente neste verso, há diversas possibilidades de interpretação e é para essa dimensão que o estudante é convidado a direcionar-se. De certo, esse tipo de atividade leva a obter respostas mais significativas e abre possibilidades para a compreensão das variantes da língua e motiva a romper com a imposição da norma culta.

Embora a concordância numeral não seja aplicada no poema Patativa, não significa que ele deixou de seguir as estruturas gramaticais que a língua concede ao falante. No poema “O poeta da roça” há um desenvolvimento perfeito na primeira pessoa do singular; contém adjetivos que concordam perfeitamente com seus núcleos e revelam as características do homem e também das coisas da roça, dentre outras características. As palavras não deixaram de garantir o sentido e a beleza do texto.

Texto 06

O poeta da roça

Sou fio das mata, cantô da mão grossa
Trabáio na roça, de inverno e de estio
A minha chupana é tapada de barro
Só fumo cigarro de páia de mio

[...]

Patativa do Assaré

5. Considerações finais

Sabe-se de que a base de qualquer estudo é a leitura. Se desconsiderarmos essa realidade nas práticas de ensino, os resultados com a educação jamais alcançarão o patamar que almeja.

Trabalhar diversas leituras com o objetivo de discutir o uso da concordância nominal, certamente se obterá resultados mais significati-

vos, do que praticar regras com pequenas frases descontextualizadas ou desconexas. Diante dessa realidade, Antunes nos apresenta duas orientações que se mostram bastante significativas ao trabalhar leitura e escrita. Na primeira delas diz que “*não se pode estabelecer entre leitura e escrita uma relação automática*”. Nesse sentido, de imediato, lê não garante por si só sucesso com escrita. Embora a leitura constitua condições que propiciam bons resultados. Na segunda orientação ela fala que escrever requer “*uma prática constante, persistente, refletida, num processo de crescente aprimoramento*”. (2009, p. 196). Claramente, as orientações de Antunes revelam o caminho do sucesso com a leitura e a escrita. Esforços que deverão ser otimizados pelo educador. Traçando essa direção e explorando os sentidos que o texto tem ou pode apresentar quando articulado com outras formas de escrita, o aluno estará recebendo uma educação mais compromissada com o desenvolvimento intelectual, social e cultural.

Trabalhar concordância nominal requer muito mais do que discutir regras dentro do texto, requer consideração às diversas manifestações da fala e necessita de uma prática que parta sempre de textos significativos e que contenham sentidos.

Considerando o que foi dito anteriormente por Perini, o educador deverá considerar a gramática normativa como uma fonte científica de pesquisa. Isso é importante ressaltar porque a maiorias dos educadores ou mesmo aplicadores de conteúdo, em boa parte de suas práticas, acabam considerando a gramática como fonte régia, ou como gênese da língua, desconsiderando totalmente a fala e até mesmo o próprio fenômeno de inovação constante da língua portuguesa.

Desenvolver atividades que enfoquem a concordância nominal explorando o sentido do texto significa elaborar sequências de atividades que não se encontram nos manuais didáticos distribuídos nas escolas, nem muito menos nas gramáticas normativas, mas apenas refletidas em teorias orientadoras significativas que buscam mudar a realidade da prática repetitiva que não gera aprendizado. Isso significa que o educador deverá focar seu trabalho nos seguintes aspectos: pesquisa de textos que explorem a ocorrência de concordância; no foco do sentido, ao elaborar as atividades; cuidado em não transformar os exercícios em atividades mecânicas e rotineiras; primar à produção de texto como forma de avaliar o desenvolvimento do aluno, considerar as produções textuais sedimentadas na fala, sem menosprezo, é claro. Também tratar a concordância

em todos os âmbitos e atividades que forem desenvolvidas, não apenas em uma determinada sequência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, Jean-Michel: *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

AMARAL, Emília; FERREIRA, Mauro; LEITE, Ricardo; ANTONIO, Severino. *Novas palavras: português, Volume único: livro do professor*. São Paulo: FTD, 2003.

ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola, 2009.

ASSARÉ, Patativa do. *Poeta da roça*. Disponível em: <<http://letras.mus.br/patativa-do-assare/872145>>. Acesso em: 06-06-2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gênero e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

PERINI, Mário A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.

SACCONI, Luís Antonio. *Novíssima gramática ilustrada*. São Paulo: Nova Geração, 2008.

VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. B. (Org.) *Ensino de gramática: descrição e uso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.